

LIÇÃO I - A Necessidade de Questionar Tudo na Busca pela Verdade Universal

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 1: 995a 24-995b 4

“ 176. Com vistas à ciência sob investigação, devemos atacar primeiro aqueles assuntos que devem ser investigados primeiro. Estes são todos os assuntos sobre os quais alguns homens tiveram opiniões diferentes, e quaisquer outros além destes que tenham sido omitidos.

177. Ora, para aqueles que desejam investigar a verdade, vale a pena ponderar bem estas dificuldades. Pois o estudo subsequente da verdade nada mais é do que a solução de problemas anteriores. Porque é impossível desatar um nó sem conhecê-lo. Mas uma perplexidade por parte da mente torna isso evidente em relação ao assunto em questão; pois na medida em que a mente está perplexa, nessa medida ela experimenta algo semelhante a homens que estão amarrados; pois em ambos os casos é impossível avançar. Por esta razão, então, é primeiro necessário considerar todas as dificuldades e as razões para elas.

178. [Isto também é necessário] por outra razão, a saber, que aqueles que fazem investigações sem primeiro reconhecer o problema são como aqueles que não sabem para onde devem ir.

179. Além disso, ninguém saberia nem mesmo quando encontra a coisa que está buscando [e quando não]; pois o objetivo não é evidente para tal homem, mas é evidente para aquele que previamente discutiu as dificuldades.

180. Ademais, aquele que ouviu todos os argumentos dos litigantes, por assim dizer, e daqueles que debatem a questão, está necessariamente em melhor posição para julgar.

COMENTÁRIO

338. Tendo indicado no Livro II (331) o método de considerar a verdade, o Filósofo agora prossegue em seu estudo da verdade. Primeiro, ele procede de modo disputativo, indicando os pontos que são questionáveis no que diz respeito à verdade das coisas. Segundo (529), ele começa a estabelecer o que é verdadeiro, e o faz no Livro IV, que começa: "Há uma certa ciência."

A primeira parte é dividida em duas seções. Na primeira, ele expõe o que pretende fazer. Na segunda (346), ele procede à ação ("O primeiro problema").

Em relação à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, expõe o que pretende fazer. Segundo (339), ele dá as razões para isso ("Agora, para aqueles").

Ele diz, então, que, tendo em vista esta ciência que buscamos sobre os primeiros princípios e o que é universalmente verdadeiro sobre as coisas, devemos atacar, primeiro de tudo, aqueles assuntos sobre os quais é necessário levantar questões antes que a verdade seja estabelecida. Ora, há pontos disputados deste tipo por duas razões: ou porque os filósofos antigos tinham uma opinião diferente sobre essas coisas do que é realmente verdadeiro, ou porque eles negligenciaram completamente considerá-las.

339. Agora, para aqueles (177).

Aqui ele apresenta quatro argumentos em apoio a esta tese:

Primeiro, ele diz que para aqueles que desejam investigar a verdade, "vale a pena", i.e., vale o esforço, "ponderar bem essas dificuldades", i.e., examinar cuidadosamente aquelas matérias que são questionáveis. Isso é necessário porque o estudo subsequente da verdade não é nada mais do que a solução de dificuldades anteriores. Ora, ao desatar um nó físico, é evidente que aquele que não conhece esse nó não pode desatá-lo. Mas uma dificuldade sobre algum assunto está relacionada à mente como um nó físico está ao corpo, e manifesta o mesmo efeito. Pois, na medida em que a mente está perplexa sobre algum assunto, ela experimenta algo semelhante àqueles que estão firmemente amarrados. Assim como aquele cujos pés estão amarrados não pode avançar em um caminho terreno, de modo semelhante, aquele que está perplexo, e cuja mente está, por assim dizer, amarrada, não pode avançar no caminho do conhecimento especulativo. Portanto, assim como aquele que deseja desatar um nó físico deve primeiro inspecionar o nó e a maneira como ele está atado, de modo semelhante, aquele que quer resolver um problema deve primeiro examinar todas as dificuldades e as razões para elas.

340. [Isso também é necessário] (178).

Aqui ele apresenta o segundo argumento. Ele diz que aqueles que desejam investigar a verdade sem primeiro considerar o problema são como aqueles que não sabem para onde vão. Isso é verdade por esta razão: assim como o término de uma jornada é o objetivo pretendido por aquele que viaja a pé, de modo semelhante, a solução de um problema é o objetivo pretendido por aquele que busca a verdade. Mas é evidente que aquele que não sabe para onde vai não pode ir diretamente para lá, exceto talvez por acaso. Portanto, também ninguém pode buscar a verdade diretamente a menos que primeiro veja o problema.

341. Além disso, alguém (179).

Aqui ele apresenta o terceiro argumento. Ele diz que, assim como aquele que ignora para onde vai não sabe se deve parar ou prosseguir quando atinge seu objetivo designado, de modo semelhante, aquele que não sabe de antemão o problema cuja solução marca o término de sua busca não pode saber quando encontra a verdade que busca e quando não. Pois ele não sabe qual é o objetivo de suas investigações, mas isso é evidente para aquele que conhecia o problema de antemão.

342. **Além disso** (180).

Ele apresenta o quarto argumento, que é tomado do ponto de vista de um juiz. Pois um juiz deve emitir julgamento sobre as coisas que ouve. Mas, assim como alguém pode emitir julgamento em um processo apenas se ouvir os argumentos de ambos os lados, de modo semelhante, aquele que precisa emitir julgamento sobre uma filosofia está necessariamente em melhor posição para fazê-lo se ouvir todos os argumentos, por assim dizer, dos disputantes.

343. Deve-se notar que foi por essas razões que Aristóteles estava acostumado, em quase todas as suas obras, a expor os problemas que surgem antes de investigar e estabelecer o que é verdadeiro. Mas, enquanto em outras obras Aristóteles estabelece os problemas um a um para estabelecer a verdade sobre cada um, nesta obra ele expõe todos os problemas de uma só vez e, depois, na ordem adequada, estabelece as coisas que são verdadeiras. A razão para isso é que outras ciências consideram a verdade de uma maneira particular e, portanto, pertence a elas levantar problemas de um tipo particular sobre verdades individuais. Mas, assim como pertence a esta ciência fazer um estudo universal da verdade, também lhe pertence discutir todos os problemas que pertencem à verdade. Portanto, ela não discute seus problemas um a um, mas todos de uma só vez.

344. Também pode haver outra razão [pela qual Aristóteles procede desta maneira], a saber, que esses problemas sobre os quais ele toca são principalmente aqueles sobre os quais os filósofos mantiveram opiniões diferentes. No entanto, ele não procede para investigar a verdade na mesma ordem que os outros filósofos fizeram. Pois ele começa com coisas sensíveis e evidentes e procede àquelas que são separadas da matéria, como é evidente abaixo no Livro VII (1566), enquanto os outros filósofos queriam aplicar princípios inteligíveis e abstratos às coisas sensíveis. Portanto, porque ele não pretendia estabelecer a verdade na mesma ordem seguida pelos outros filósofos, e de cujas visões esses problemas surgem, ele decidiu apresentar primeiro todos os problemas em uma seção separada e, depois, resolver esses problemas em sua ordem adequada.

345. Averróis apresenta outra razão [para o procedimento de Aristóteles]. Ele diz que Aristóteles procede dessa maneira por causa da relação desta ciência com a lógica, que será abordada adiante no Livro IV (588); e, portanto, ele fez da discussão dialética uma parte principal desta ciência.